

## OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NO SUICÍDIO INFANTIL: PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: 30/09/2024

Aceito em: 30/10/2024

DOI: 10.25110/akropolis.v32i1.2024-11152



Melissa Adryele Sartori Alves <sup>1</sup>  
Ronaldo Pereira Barboza <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo utilizou-se de revisão bibliográfica com o objetivo de compreender os impactos do uso excessivo de tecnologia na infância e as implicações psicossociais que podem resultar no suicídio infantil, um assunto delicado e complexo. É notável que vivemos numa era digital, onde as tecnologias fazem parte da dinâmica humana cada vez mais, atingindo em grande escala o público infantil. A metodologia envolve a análise de estudos anteriores e literatura relevante sobre o tema, bem como a aplicação de conceitos da Psicologia Histórico-Cultural, desta, destacam-se os seguintes fundamentos/conceitos: a internalização de ferramentas culturais, a zona de desenvolvimento proximal, a mediação simbólica e a interdependência entre desenvolvimento e aprendizagem, buscando conhecer as características que envolvem essa configuração. Sendo assim refletir sobre como essas dinâmicas e interações influenciam o desenvolvimento da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia; Infância; Suicídio.

## THE IMPACTS OF TECHNOLOGY ON CHILD SUICIDE: PERSPECTIVES FROM HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

**ABSTRACT:** This article used a literature review with the aim of understanding the impacts of excessive use of technology in childhood and the psychosocial implications that can result in child suicide, a delicate and complex subject. It is notable that we live in a digital era, where technologies are increasingly part of human dynamics, reaching children on a large scale. The methodology involves the analysis of previous studies and relevant literature on the topic, as well as the application of concepts from Historical-Cultural Psychology, of which the following foundations/concepts stand out: the internalization of cultural tools, the zone of proximal development, symbolic mediation, and the interdependence between development and learning. seeking to know the characteristics that involve this configuration. Therefore, reflect on how these dynamics and interactions influence the child's development.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: [melissa.sartori@edu.unipar.br](mailto:melissa.sartori@edu.unipar.br)

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: [ronaldo.barboza@prof.unipar.br](mailto:ronaldo.barboza@prof.unipar.br)

**KEYWORDS:** Technology; Infancy; Suicide.

## **LOS IMPACTOS DE LA TECNOLOGÍA EN EL SUICIDIO INFANTIL: PERSPECTIVAS DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL**

**RESUMEN:** Este artículo utilizó una revisión de la literatura con el objetivo de comprender los impactos del uso excesivo de la tecnología en la infancia y las implicaciones psicosociales que pueden resultar en el suicidio infantil, un tema delicado y complejo. Es notable que vivamos en una era digital, donde las tecnologías son cada vez más parte de la dinámica humana y llegan a los niños a gran escala. La metodología involucra el análisis de estudios previos y literatura relevante sobre el tema, así como la aplicación de conceptos provenientes de la Psicología Histórico-Cultural, de los cuales se destacan los siguientes fundamentos/conceptos: la internalización de herramientas culturales, la zona de desarrollo próximo, la mediación simbólica y la interdependencia entre desarrollo y aprendizaje. buscando conocer las características que involucran esta configuración. Por tanto, reflexione sobre cómo estas dinámicas e interacciones influyen en el desarrollo del niño.

**PALABRAS CLAVE:** Tecnología; Infancia; Suicidio.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este estudo é uma revisão bibliográfica, que pretende abordar os impactos e consequências do uso excessivo de tecnologia na saúde mental da criança, principalmente no que se refere na ocorrência do suicídio infantil, a partir de uma leitura pautada nos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural.

A Psicologia Histórico-Cultural, foi desenvolvida pelo psicólogo russo Lev Vigotski (1896-1934), na antiga União Soviética. Seus trabalhos se concentraram nos processos sociais e culturais, que orientam o desenvolvimento cognitivo das crianças, por meio da apropriação cultural e a internalização social, que seriam transformadas em funções mentais superiores. (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010).

O interesse nos processos orgânicos e cerebrais o levaram a trabalhar em colaboração com Alexander Luria (1902-1977) e Alexei Leontiev (1903-1979), e outros pesquisadores contemporâneos, que estudaram as relações entre o desenvolvimento das funções psicológicas inferiores (biológicas e inatas) e das funções

psicológicas superiores (essencialmente humanas e culturais), as mesmas, estão intimamente ligado à interação social entre gerações.

Essa troca permite que os indivíduos dominem tanto a linguagem quanto outros instrumentos necessários para o percurso da vida cotidiana. Através dessa formação contínua, as pessoas se tornam capazes de pensar criticamente e resolver problemas complexos, ressaltando a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento humano. (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010).

Botega *et al.* (2007) refere-se ao suicídio como uma ação que abrange uma perspectiva associada ao sofrimento, considerando-se que este sofrimento se derive das relações sociais que são estabelecidas pelo sujeito, sejam elas no âmbito familiar, profissional, comunitário ou social. Neste viés, os fatores de prevenção/proteção a casos suicidas, deveriam ser direcionados a estes mesmos aspectos da vida humana.

O suicídio é frequentemente compreendido como um comportamento extremo resultante de um intenso sofrimento psicológico e emocional. Albert Camus, escritor e filósofo argelino, em sua obra *O mito de Sísifo*, ponderou que "O suicídio é o único problema filosófico verdadeiramente sério, pois julgar se a vida vale ou não à pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia." (CAMUS, 1942 apud KOVÁCS, 1992, p. 165).

Morais, Costa e Nascimento (2020) disserta que, no Brasil, a literatura sobre suicídio infantil ainda é limitada e as Políticas Públicas direcionadas a este tema são escassas e pouco divulgadas, o que ressalta a necessidade de mais pesquisas a respeito. Estudos internacionais, no entanto, fornecem uma base importante para entender os padrões e os fatores de risco associados ao suicídio infantil, que podem ser ajustados ao contexto brasileiro.

É relevante acentuar que o suicídio é um assunto sensível, e que, portanto, deve-se ter cautela e discernimento ao abordá-lo, pois envolve uma série de fatores psicológicos, sociais e emocionais que podem ser complexos e delicados. A seguir, neste estudo, iremos nos inclinar sobre as relações tecnológicas neste mundo pós-moderno que vivemos, com especial atenção ao público infantil, visto a magnitude das pressuposições sobre este tema.

## **2. UMA INFÂNCIA CONECTADA**

Castro (2010) recorre ao dicionário Aurélio, para explicar o conceito de infância, que é definida como um “período de crescimento permite que pais, educadores e profissionais da saúde enfoquem suas estratégias de apoio ao desenvolvimento das crianças de forma mais eficaz.” (CASTRO, 2010, não paginado). Conseqüentemente, o termo infância, originário do latim *in-fans*, tem o significado de não possuir linguagem. Por sua vez, tradicionalmente, a ausência de linguagem é frequentemente associada à falta de pensamento, conhecimento ou racionalidade. Dessa forma, as crianças são vistas como seres inferiores, que necessitam de educação e desenvolvimento. (CASTRO, 2010).

A atenção e preocupação com o desenvolvimento humano em seus primeiros anos de vida, ocupa um espaço importante na sociedade contemporânea. Essa preocupação reflete a importância de reconhecer que os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento físico, emocional e social das pessoas, por ocupar um espaço significativo na conscientização do desenvolvimento, pois é uma fase crucial para o desenvolvimento. (CASTRO, 2010).

Silveira (2000), aponta para o fato de que a sociedade sempre está em movimento, desse modo, a vivência da infância transforma-se de acordo com os paradigmas do contexto histórico, ou seja, refletir sobre a infância envolve também conectar esse período com diferentes contextos, como a escola, a família e a sociedade.

A teoria de Vigotski (2007), traz a importância das interações sociais, pois o desenvolvimento não ocorre isoladamente, mas sim em um contexto cultural que a criança estão inseridas, por isso o autor nega a existência de fases que seriam comuns a todas as crianças, adotando em sua literatura os termos período ou estágio do desenvolvimento.

Consoante a este pensamento, Facci (2004, p.72) a partir de estudos de Leontiev (1978) em seu livro *O desenvolvimento do psiquismo*, aponta que em cada período a vida e as ações da criança se caracterizam por uma atividade principal, assim, “as atividades são dominantes em determinados períodos e, no período seguinte, não deixam de existir, mas vão perdendo sua força”. Nesta mesma perspectiva, estes períodos a título de exemplo teriam as seguintes subdivisões e características:

- a) primeira infância: comunicação emocional direta (1º grupo) e atividade objetal manipulatória (2º grupo);
- b) segunda infância: jogo (1º grupo) e atividade de estudo (2º grupo);
- e c) adolescência: comunicação íntima pessoal (1º grupo) e atividade profissional de estudo (2º grupo). Cada época consiste

em dois períodos regularmente ligados entre si. Tem início com o período em que predomina a assimilação dos objetivos, dos motivos e das normas da atividade e essa etapa prepara para a passagem ao segundo período, no qual ocorrem a assimilação dos procedimentos de ação com o objeto e a formação de possibilidades técnicas e operacionais. (ELKONIN, 1987 apud FACCI, 2004, p. 72).

Seguindo este mesmo raciocínio, Silveira (2000) sublinha que a importância da criança dentro de uma comunidade varia conforme o período histórico em que ela é considerada, cada período imprime na infância uma significação específica, por vezes atrelada às condições sociais, e não apenas à sua condição de ser biológica.

No que se refere ao desenvolvimento humano, a Psicologia Histórico-Cultural adota uma postura crítica e desafiadora, pois busca compreender como se dá o desenvolvimento humano, subsidiado por processos psíquicos, em articulação com o sistema de instrumentos, a história e a cultura na qual o sujeito está inserido e suas múltiplas e complexas relações. (VIGOTSKI, 2007).

Considerando o momento atual, as crianças nascem em um contexto digital, tornando mais frequente e intenso a relação entre elas e a tecnologia, pensando nisso, o uso de telas podem influenciar o desenvolvimento humano, as comunicações conduziram-se de maneira sutil e gradual pela tecnologia.

Analisando os impactos da tecnologia na infância, uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI) e o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), a TIC Kids Online Brasil 2023, lançada na quarta-feira dia 25 de outubro de 2023, apresentou que 24% dos entrevistados relataram ter acesso à internet até os primeiros seis anos de vida. Para fins de comparação, na edição de 2015, essa porcentagem era de 11%. E a situação torna-se mais complexa, devido ao fato que 90% das crianças e adolescentes brasileiros fazem parte desse índice, desfrutando das telas como o principal meio de distração (NOBRE et al., 2021).

Ao nos debruçarmos sobre este fenômeno atual, é primordial, para discutir a respeito dos impactos psicológicos desse uso abusivo na infância, considerar as descobertas importantes e enriquecedoras de três estudos recentes dos autores Cerimonial et al (2023); Guedes et al (2019) e Joung, Oh e Lee (2023).

Os estudos de Cerimonial et al (2023), revelam uma tendência preocupante, com um índice numeroso de pais autorizando que seus filhos tenham acesso a dispositivos eletrônicos em uma faixa etária precoce, incluindo bebês de 0 a 1 ano. Essa exposição

prematuramente, pode afetar negativamente o desenvolvimento dos pequenos indivíduos, pois a aprendizagem já se inicia neste estágio, necessitando do outro para sobreviver. Através do próprio corpo e da interação, a criança tem um mundo de possibilidades, para explorar e vivenciar, podendo extrair uma grande quantidade de experiências que lhe serão fundamentais para o processo do conhecimento.

Alguns estudos de Joung, Oh e Lee (2023) enfatizam a necessidade de programas de intervenção adequados, para os pequenos que podem apresentar problemas relacionados ao uso excessivo da tecnologia. Os resultados sugerem que os programas devem ser flexíveis, levando em consideração as necessidades emocionais e comportamentais. Além disso, é destacada a importância de oferecer atividades alternativas que promovam a autoestima e o autocontrole, reduzindo a dependência de dispositivos eletrônicos.

Os mesmos autores acima citados, relatam com mais clareza e objetividade, destacando a importância de considerar tanto os aspectos psicológicos, quanto os sociais, para entender o impacto da tecnologia em idades tão prematuras. Com isso, os encadeamentos podem trazer algumas adversidades como, problemas de atenção, ansiedade, interação com o outro.

Guedes (2019) acentua uma variedade de atividades associadas ao uso de dispositivos eletrônicos, incluindo assistir a vídeos, ouvir música, jogar jogos e usar aplicativos educacionais. Assim, o tempo que muitas crianças passam em frente às telas é alarmante, com 19% delas gastando mais de duas horas por dia nessa atividade. Este dado possibilita compreender que apesar da variedade de tarefas que as crianças podem realizar com o uso da internet, o tempo gasto nessas atividades é elevado e merece atenção, é importante equilibrar o uso da tecnologia com outras formas de interação e aprendizados.

Ponderando essa perspectiva, Silva e Silva (2017, p. 90) destaca que o ambiente virtual de interações, pode ser positiva no desenvolvimento cognitivo da criança, mas adverte que, “quando as tecnologias digitais usadas de forma inadequada e excessiva entram como catalisação para transformar a maneira como o convívio familiar é abordado.”

Alves (2011, p. 25) contribui com este pensamento ao avaliar que:

[...] é importante que pais e mães atentem-se ao mundo frequentado por seus filhos – seja ele real ou virtual. Acompanhar e encontrar, desde os primeiros passos digitais dos filhos, oportunidades de tornar a tecnologia uma aliada no

estreitamento das relações familiares é mandatório para pais e mães que não desejam viver em mundos totalmente diferentes dos seus filhos no futuro.

Em concordância, Paiva e Costa (2015 apud Taborda, 2019, p. 42) colaboram ao discorrer que,

[...] o uso prematuro da tecnologia por crianças fundamenta-se, num contexto social contemporâneo, na reorganização da dinâmica familiar, pois devido à inevitabilidade de se trabalhar, os pais, na maioria das vezes, passam o dia inteiro fora de casa, além da necessidade em se manter contato com os filhos através do celular, o qual proporciona uma interação não presencial entre os mesmos.

Vigotski (2002) compreende o psiquismo como um processo dialético, ou seja, é uma construção social e dinâmica, em que o ser humano se transforma a partir de suas inserções, em uma relação complexa entre fatores internos e externos. Nesta perspectiva, o uso excessivo da tecnologia pode influenciar negativamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, por estar perdendo oportunidades importantes de interação social e aprendizados através de experiências do mundo real.

### **3. OS IMPACTOS SOCIAIS E COGNITIVOS**

Como já citado na introdução deste trabalho, a Psicologia Histórico-Cultural foi desenvolvida por Vigotski em conjunto com Luria e Leontiev, no cenário pós Revolução Russa. Este sistema teórico fundamentou-se amplamente no método desenvolvido por Marx, o Materialismo Histórico-Dialético, que oferece uma base grandiosa para o entendimento da evolução histórica da sociabilidade humana, enfatizando as condições materiais (realidade concreta) que influenciam o desenvolvimento social e as contradições que possibilitam a existência dialética do ser humano. (SIRGADO, 2000).

No desenvolvimento infantil, entretanto, a evolução cognitiva é moldada pelas suas interações: instrumental, cultural e histórica. A história da sociedade e o desenvolvimento caminham juntos, já que desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos ou outras crianças com mais idade. É a partir dessa apropriação cultural que os processos psicológicos mais complexos tomam forma. (SIRGADO, 2000).

As crianças aprendem por meio da interação com diferentes gerações, como pais, avós, outros familiares, professores, cuidadores etc. que essa troca é essencial para transmitir valores, habilidades e conhecimentos. Estas relações sociais são o elemento

central na formação humana, pois possibilita o aprendizado, que será essencial para a comunicação e participação na sociedade. (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010).

Essa dinâmica não apenas preserva o conhecimento cultural, mas também o transforma continuamente, adquirindo sentidos por sua função mediadora, fazendo-nos lembrar de algo importante. Vigotski e Luria (1996, p. 95), explicam que:

O comportamento do homem moderno, cultural, não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento histórico da humanidade, ocorreram mudanças e desenvolvimento não só nas relações externas entre pessoas e no relacionamento do homem com a natureza; o próprio homem, sua natureza mesma, mudou e se desenvolveu.

Argumenta Vigotski (2002), que para entender o comportamento humano contemporâneo, é essencial considerar não apenas os aspectos biológicos ou o desenvolvimento individual, mas também o contexto histórico e cultural em que os indivíduos estão inseridos, assim, consideram de fundamental importância as condições sociais e históricas para o desenvolvimento humano.

Vigotski (2002) afirma que não há objeto/instrumento/ferramenta desprovida de conteúdo social, pelo contrário, são infundidos nela. Neste sentido, podemos ponderar que as tecnologias digitais são produções humanas, fruto da sua capacidade criativa, portanto utilizadas e exploradas pelo ser humano. No entanto, quando usada em larga escala na infância, gera questionamentos sobre seus benefícios e/ou agravos para o próprio desenvolvimento.

É essencial considerar os riscos associados ao uso de tecnologias por crianças, o acesso precoce e desmedido a dispositivos eletrônicos pode impactar o desenvolvimento social e emocional das crianças. Além disso, a exposição a conteúdos inadequados na internet pode trazer consequências negativas para a formação da personalidade e valores delas. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

A aprendizagem ocorre em dois planos, primeiramente, no plano interpsicológico, que se estabelece entre um indivíduo e outras pessoas, bem como com seus artefatos culturais. Posteriormente, essa aprendizagem é internalizada pelo sujeito no plano intrapsicológico. Essa transformação do processo interpessoal em um intrapessoal resulta de uma longa série de eventos no desenvolvimento humano. (VIGOTSKI, 2007).



Sirgado (2000) acrescenta que internalização é o processo pela qual a criança converte as atividades sociais e as transformam em atividades mentais, passando do plano intersíquico, de caráter social, para o intrapsíquico, de caráter individual, quando a criança atribui significado às suas relações objetivas, instrumentais, culturais e sociais. Consequentemente, “[...] o objeto a ser internalizado é a significação das coisas, não as coisas em si mesmas. Portanto, o que é internalizado das relações sociais não são as relações materiais, mas a significação que elas têm para as pessoas.” (SIRGADO, 2000. p. 66).

Nesta lógica, Sirgado (2000, p. 67) “uma vez que toda relação social é relação de um eu e um outro, sua internalização implica na conversão de dois numa unidade onde o outro permanece sempre presente [...]”. Logo, as crianças absorvem a sabedoria, valores e conhecimentos transferidos pelas gerações anteriores. É essa internalização que promove o desenvolvimento das capacidades cognitivas.

Para explicar o desenvolvimento cognitivo, Vigotski (2007), conceituou a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa aquilo que a criança ainda não é capaz de fazer sozinha, porém, tem capacidade de aprender com a ajuda de um adulto ou uma criança mais velha. A ideia é que as crianças aprendem melhor quando estão desafiadas, mas ainda assim recebem o suporte necessário para superar esses desafios. Este processo em que o adulto auxilia a criança e potencializa sua aprendizagem, chamado de mediação.

Wells (1999), por sua vez, resumiu as características da noção ampliada da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que podem ser aplicadas a qualquer situação em que os indivíduos estejam desenvolvendo a competência em uma prática ou a compreensão de um tema ao se engajar em diversas atividades. Isto implica que a mediação não se limita à ajuda oferecida por outros seres humanos, mas pode vir na forma de artefatos semióticos sociais, tais como livros, pesquisas em motores de busca na internet, além de mapas, diagramas, textos, vídeos, fotos, dicionários e outros recursos.

Por esta razão, não podemos desconsiderar o momento histórico em que vivemos, momento este em que é habitual cada vez mais cedo o uso de tecnologia digital, com suas tantas variações, principalmente em modelos de telas como televisores, computadores, tablets, smartphones e celulares, introduz novos meios na relação ensino-aprendizagem, especialmente na forma de linguagem visual e digital,

bastante diferentes dos objetos de outras épocas. (SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

Nesta direção, é possível refletir que as telas oferecem ferramentas que podem ser tanto educativas quanto recreativas. Elas podem facilitar o aprendizado como aplicativos educativos e a comunicação como videochamadas, mas também podem apresentar desafios, como distrações excessivas. O uso adequado das telas pode enriquecer o desenvolvimento das crianças, ajudando-as a se tornarem cidadãos competentes em um mundo digital. No entanto, é crucial equilibrar o tempo de tela com interações sociais face a face para garantir um desenvolvimento social e emocional saudável. (SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

Os profissionais de saúde têm debatido intensamente as possíveis consequências do uso excessivo de aparelhos eletrônicos no crescimento e desenvolvimento das crianças, no entanto, não definem quais seriam suas repercussões físicas, sociais e psicológicas a curto ou a longo prazo. (SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

O uso de telas por crianças tem se tornado um tema de crescente preocupação entre especialistas em desenvolvimento infantil e da saúde. O tempo interativo frente a uma tela funciona como estimulante para o sistema nervoso central, cujos efeitos comprometem diferentes processos corporais e cerebrais (DUNCKELY, 2019 apud SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

Estudos indicam que a exposição excessiva a dispositivos eletrônicos, como smartphones e tablets, pode afetar o sistema nervoso, interferindo na capacidade de concentração, no sono e na regulação emocional (SILVA, 2023). A interação constante com essas tecnologias pode levar a um aumento na ansiedade e na depressão, além de prejudicar o desenvolvimento social e cognitivo das crianças (MARTINS, 2021).

Partindo deste mesmo sentido,

Especialistas em diagnóstico e tratamento dos transtornos do desenvolvimento infanto-juvenil chamam de “autismo eletrônico” a automação do comportamento das pessoas, sobretudo das crianças, que as priva do relacionamento propriamente humano, da troca do olhar e da palavra, tornando-as uma espécie de “Pinóquio às avessas”, um boneco que se humanizou com a experiência (PAIVA; COSTA, 2015 apud SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021, p. 176).

Nunes *et al.* (2023) destacam que o uso de videogames e outras telas, carregam uma série de preocupações, incluindo atraso no desenvolvimento da comunicação, dificuldade de aprendizagem, problemas de atenção e concentração, maior risco para

obesidade e outras doenças relacionadas à ausência de atividades físicas, sono inadequado, elevação e risco de problema de visão, como a miopia e risco de comportamentos violentos

É importante salientar que as consequências do excesso de exposição a telas na infância incluem atraso no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, atrasos sociais e descontrole emocional, além de comportamentos agressivos, ansiosos e alterações do sono (ARANTES; MORAIS, 2022).

É de extrema relevância a abordagem e divulgação da classificação indicativa e do limite de tempo de telas, visto que o uso excessivo está associado a vários riscos à saúde, dentre eles: a dependência digital, irritabilidade, ansiedade, depressão, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade, transtornos do sono, sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia, sedentarismo, exposição sexual, nudez, abuso e estupro virtual, comportamentos autolesivos, problemas visuais, problemas auditivos, transtornos posturais, uso de nicotina, vaping, bebidas alcoólicas, anabolizantes e outras drogas, indução e riscos de suicídio. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2021) é importante ressaltar que o uso excessivo da tecnologia pode estar associado a riscos significativos para a saúde mental das crianças, incluindo o aumento das taxas de suicídio. Estudos recentes indicam que a exposição constante a conteúdos negativos nas redes sociais, cyberbullying e a comparação social exacerbada podem contribuir para sentimentos de inadequação e desespero dos mesmos.

#### **4. TECNOLOGIA X SUICÍDIO**

Define-se suicídio como todo caso de morte que resulta, de maneira direta ou indireta, de um ato, seja ele positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, que tinha consciência de que tal ato levaria a esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte (DURKHEIM, 2000, p. 15).

O suicídio é um fenômeno social, dado que a prevalência das ocorrências do mesmo é resultado da divergência entre as imposições sociais e culturais que influenciam a formação do indivíduo em conflito com as possibilidades e particularidades de cada pessoa. (DURKHEIM, 2000).

Nesta mesma perspectiva, Marx (2006, p. 25) pondera que o suicídio é um comportamento inerente ao ser humano, afirmando que “[...] é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consoma com tanta frequência; o suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas.” E complementa: “o que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios [...]”. (MARX, 2006, p. 25).

De acordo com o mesmo autor, o suicídio deveria ser visto como um sintoma da vida concreta das pessoas, em uma sociedade cada vez mais competitiva. Assim sendo, “[...] nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio.” (MARX, 2006, p. 16).

Seguindo este mesmo entendimento, o autor propõe um importante questionamento. “Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo?” (MARX, 2006, p. 28).

Em concordância, Cassorla (1991) indica que não é possível elucidar o suicídio apenas por razões individuais exclusivas, tendo em vista que o sujeito está inserido em uma sociedade e sem esta seria impensável o mesmo sobreviver. A individualidade de cada sujeito é o resultado de sua construção histórica, social e cultural. A sociedade já vigorava antes de sua existência e permanecerá depois dele.

Para alguns teóricos e intelectuais, o ato suicida é compreendido como um homicídio de si mesmo, pois:

[...] para ocorrer o suicídio é necessária a presença de três componentes: o desejo de matar, o desejo de ser morto e o desejo de morrer. O suicídio é antes de tudo um homicídio, um homicídio de si mesmo, onde a mesma pessoa é o assassino e o assassinado. Nenhum suicídio é consumado se além do desejo de matar, não estiverem presentes o desejo de morrer e de ser morto (MENNINGER, 1965, apud KOVACS, 1992, p. 174).

Para Closs (2015), a morte é tema de muitos estudos e questionamentos. Que pode ocorrer de incontáveis causalidades, no entanto quando se apresenta sob a forma de suicídio, é visto ainda como um tabu na sociedade brasileira, graças ao enaltecimento do valor dado a vida, o ato de tirá-la passa a ser visto como algo abominável. Quando ocorre na infância, uma série de indagações podem surgir na busca de compreensão de quais seriam os motivos para um ato tão extremo em crianças.

Em resposta, alguns fatores são indicados, como a impulsividade, o isolamento social, a insatisfação com a imagem corporal, a presença de transtornos mentais e transtornos alimentares, o bullying, a ruptura afetiva e, não menos importante, a influência das mídias digitais. São fatores que podem ser apontados como risco para o comportamento suicida na infância. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Segundo o Boletim Epidemiológico, da Secretaria de Vigilância e Ambiente, do Ministério da Saúde, no ano de 2021 foram notificados 114.159 casos de suicídio e tentativa de suicídio, destes, 10.660 foram autoprovocados por crianças de 05 a 14 anos, o que representa a alarmante porcentagem de 9,3%. (BRASIL, 2024).

Bedinelli e Martín (2017, p. 23) explica que:

[...] há anos os dados são alarmantes, afirma a psiquiatra da infância e adolescência Sheila Cavalcante Caetano, professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “Existem várias hipóteses associadas a isso: aumentou muito a oferta de drogas, que podem provocar transtornos psicológicos; há um estilo de vida em que se dorme cada vez menos, o que tem repercussões químicas no cérebro, como o estresse e a depressão. As famílias também estão menores e os jovens passam muito mais tempo em atividades solitárias como o videogame, o que dificulta a criação de vínculos mais efetivos e de redes de apoio nas quais eles possam pedir ajuda”, explica ela.

Crianças estão tendo contato com dispositivos cada vez mais cedo. A exposição precoce, a duração excessiva do uso e a falta de orientação podem contribuir para problemas como o cyberbullying, dificuldades de sono e um maior risco de problemas de saúde mental (SANTOS et al., 2022).

É fundamental que pais, cuidadores e profissionais de saúde reconheçam esses riscos e implementem estratégias para incentivar um uso saudável e equilibrado de dispositivos eletrônicos por crianças. Além disso, programas de intervenção e educação são essenciais para lidar com crianças que já demonstram problemas relacionados ao uso excessivo de telas, visando a promoção de um desenvolvimento psicológico saudável (YANG et al., 2022).

A prevenção do suicídio na infância requer uma abordagem multidisciplinar. Intervenções eficazes, incluem programas de educação emocional nas escolas, acesso a serviços de saúde mental e campanhas de conscientização pública. (OLIVEIRA; FERREIRA, 2021).

A relação entre as crianças e a tecnologia estão cada vez mais presentes na sociedade. Com o passar dos anos houve o desenvolvimento das máquinas e as crianças foram se inserindo neste universo, que por sua vez acaba moldando e influenciando as crianças, levando a diversos questionamentos (BONA, 2010).

Morais Filho e Finco (2024, p. 15) colaboram com esta análise, indicando que:

A evolução do ser humano é constantemente transformada por elementos internos (genéticos) e externos (ambientais), os quais variam de pessoa para pessoa, o que torna único o desenvolvimento de cada criança, assim, a progressão da aprendizagem está diretamente conectada aos estímulos fornecidos pelo ambiente e à maneira como o organismo responde a eles, desencadeando alterações que promovem o desenvolvimento e, em sequência, a aquisição de novos conhecimentos, atravessando estágios de maturação ao longo da vida.

Em relação à tecnologia na infância existe o seu lado obscuro, cada dia é mais frequente o uso de telas como uma distração para os pequenos, com a utilização de televisão, jogos eletrônicos, computadores, tablet, celulares que são muitas vezes substituídos pelos brinquedos, alguns pais ignoram ou não possuem conhecimentos que o uso abusivo coopera ativamente com o surgimento de transtorno mental: ansiedade, dificuldade de concentração entre outros (ARAGÃO et al., 2019).

Nos estudos realizados por Christakis (2014), a exposição demasiada às telas pode afetar o desenvolvimento cognitivo das crianças, especialmente o desenvolvimento da linguagem. Na abordagem da psicologia histórico-cultural, a compreensão do ato suicida é analisada no contexto em que somos capazes de considerar o peso das influências socioculturais, históricas e simbólicas, que podem moldar as atitudes e comportamentos em relação à morte voluntária.

De acordo com Closs (2015, p. 11) o ato suicida não pode ser compreendido apenas do ponto de vista pessoal, uma vez que,

Embora seja um ato individual, o sujeito tira a sua vida, ele é resultado e repercute no âmbito social. Nesse sentido, determinantes externos e internos se intercalam no sujeito ao longo do tempo, o histórico do desenvolvimento humano que engloba as relações, desde a infância com o outro e com o mundo, tem relação com o suicídio (CLOSS, 2015, p. 11).

Cassorla (1991) afirma que ao cometer o suicídio o indivíduo não deseja a morte, mas sim livrar-se de uma dor insuportável e inexprimível ao ponto que viver se torna inaceitável. Quando não são encontradas alternativas que solucionem as problemáticas ou quando não é possível vislumbrar uma alternativa para algum impasse, o suicídio passa a ser cogitado como possibilidade de sanar o sofrimento

gerado pelo problema, “[...] com o intuito de que juntamente com o fim da vida venha o fim de seu sofrimento”. (CLOSS, 2015, p. 9-10).

Em suma, é possível sintetizar que o suicídio tem se tornado cada vez mais frequente na sociedade, mesmo que ainda não se encontrou uma causa ou eventualidade específica para o ato de romper com a própria vida, existem algumas situações de vulnerabilidade que propiciam ao indivíduo se deslocar ao ato suicida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a revisão bibliográfica realizada, notou-se que na atualidade as crianças nascem e desenvolvem em um ambiente tecnológico, as crianças do universo online, chamam a atenção para algumas necessidades de desenvolvimentos cognitivos e de capacidades para lidar com as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital.

A partir deste estudo, foi possível verificar que as telas trazem prejuízos e riscos para o desenvolvimento imaturo, abordando uma complexa relação entre a tecnologia e o suicídio infantil, destacando as implicações psicológicas e sociais que afloram dessa interação. Através da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, foi possível compreender como as experiências mediadas pela tecnologia podem influenciar a saúde mental das crianças, levando a comportamentos autodestrutivos e à diminuição da qualidade de vida.

Os dados analisados indicam que, embora a tecnologia ofereça inúmeras oportunidades de aprendizado e socialização, ela também pode ser um fator de risco significativo para o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais, o que reflete a necessidade urgente de intervenções que promovam um uso saudável e consciente das ferramentas tecnológicas.

No que diz respeito ao uso adequado das tecnologias, a presença dos adultos e/ou educadores podem atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal contribuindo para maximizar o aprendizado e minimizar riscos. Para isso, é essencial que os adultos estejam presentes para guiar as crianças e poder ajudá-las a entender como usar esses dispositivos de maneira segura e eficaz. Nesta ótica, o uso de tecnologia pode ajudar as crianças a desenvolverem habilidades importantes, como resolução de problemas, pensamento crítico e habilidades motoras. (ROHMAN; FAUZIATI, 2022).

É fundamental que pais, educadores e profissionais da saúde mental estejam atentos às dinâmicas que envolvem a tecnologia na vida das crianças. A impulsão de um

ambiente digital seguro e o incentivo ao diálogo aberto sobre as experiências online são passos essenciais para mitigar os riscos associados ao uso excessivo da tecnologia. Além disso, a formação de uma rede de apoio que inclua a família e a escola pode ser crucial para a identificação precoce de sinais de sofrimento emocional.

Em suma, este estudo ressalta a importância de uma abordagem integrada que considere as múltiplas facetas da experiência infantil na era digital, visando não apenas a prevenção do suicídio, além disso, é importante promover um desenvolvimento saudável e equilibrado.

Finalizando, podemos enfatizar a importância de negociar regras e limites com as crianças. Porém, é fácil nos depararmos com o fato de que a maioria dos responsáveis faz exatamente o contrário, permitindo que os mesmos, ultrapassem o tempo limite de uso das tecnologias digitais, considerando os dados apresentados neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. Família Plugada: Tecnologia, Pais e Filhos. São Paulo. 2011. Disponível em: < [http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1\\_3295](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1_3295)> Acesso em: 12. setembro. 2024.

ARAGÃO, T. A. *et al.* Uma perspectiva psicossocial da sintomatologia depressiva na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, n.14, p.395-405. 2019.

ARANTES, M. C. B.; MORAIS, E. A. de. Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância. **Resid Pediatr.**; v. 12, n. 4, p. 1-6, 2022.

BEDINELLI, T.; MARTÍN, M. **Baleia Azul: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil.** Maio, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523\\_711865.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.html). Acesso em: 12. set. 2024.

BONA, V. **Tecnologia e infância: ser criança na contemporaneidade.** Universidade Federal de Pernambuco. EDUMATEC, p.12, 2010.



BOTEGA, N. J. et al. Prevenção do comportamento suicida. **Revista PSICO**, Porto Alegre – RS, PUCRS, v.37, n.3, p. 213-220, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1442>. 12. set. 2024.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico**. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde Volume 55 | N.º 4 | 6 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>

CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.

CASTRO, M. **Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções**. Anais do Seminário do 16º COLE. UFF. Rio de Janeiro/RJ, 2010.

CERIMONIAL, G. *et al.* A criança digital: um estudo transversal sobre o acesso a dispositivos eletrônicos em pediatria. **Revista Acta Paediatrica**, v. 112, n. 8, p. 1792-1803, 2023.

CHRISTAKIS, D. A. et al. **Exposição precoce à televisão e subsequentes problemas de atenção em crianças**. *Pediatria*, v. 113, n. 4, p. 708-713, 2004.

CLOSS, C. C. W. **Suicídio como sintoma social**: questões sócio-culturais e psicológicas envolvidas e a intervenção da Psicologia. Santa Rosa: UNIJUI, 2015.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento humano psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

GUEDES, S. da C. *et al.* A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância é - um estudo epidemiológico. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, 2019.

JOUNG, J.; OH, E., LEE E. J. **The experiences of counselors caring for children and adolescents with problematic smartphone use.** Sci Rep. 2023.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, C. **Desenvolvimento infantil e os desafios da era digital.** Belo Horizonte: Editora Criança Feliz, 2021.

MARX, K. **Sobre o suicídio.** Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. - São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAES, R. M.; COSTA, A. L.; NASCIMENTO, E. R. Prevalência e fatores de risco para o suicídio infantil no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 42, n. 4, p. 387-392. 2020.

MORAIS FILHO, M. H. C. de; FINCO, M. D. **O uso inadequado das tecnologias digitais na primeira infância e sua relação com a desatenção.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) - UFPB/CE - João Pessoa, 2024. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/31310/1/MHCMF29072024.pdf>.

Acesso em 23/08/2024.

NOBRE, J. N. et al. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.** 2021. Disponível em:

<https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-determinantes-no-tempode-tela-de-criancas-na-primeira-infancia/17321>. Acesso em: 12. set. 2024.

NUNES, A. P. et al. O uso de telas e tecnologias pela população infanto-juvenil: revisão bibliográfica sobre o impacto no desenvolvimento global de crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 5, p. 19926–19939, 2023.

OLIVEIRA, J. R.; FERREIRA, A. M. Estratégias de prevenção do suicídio infantil: Uma revisão sistemática. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 2, 2021.

ROHMAN, D.; FAUZIATI, E. Gamification of Learning in the Perspective of Constructivism Philosophy Lev Vygotsky. **Budapest International Research and Critics Institute-Journal (BIRCI-Journal)**, v.5, n.1, p. 4467-4474, 2022.

SANTANA, M. I.; RUAS M. A.; QUEIROZ, P. H. B. O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil. **Revista Saúde em Foco**, v. 14, p. 169–179, 2021.

SANTOS, R. O. *et al.* **Tempo de tela dos nativos digitais na pandemia do coronavírus.** **Revista Expressão Católica**, v. 11, n. 1, p. 73-81, 2022.

SILVA, J da. **O impacto do uso de telas no desenvolvimento infantil: uma análise do sistema nervoso central.** São Paulo: Editora Educação, 2023.

SILVA, T. O; SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. Psicopedagogia**, v. 34, n.103, p. 87-97, 2017.

SILVEIRA, J. **Infância na Mídia: sujeito, discurso, poderes.** (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: FAGED/UFRGS. 2000.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, v. 25 n. 71, p. 45-78, 2000.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de Orientação: Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital.** 2019. Disponível em:

[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf). Acesso em: 12. set. 2024.

TABORDA, L. S. A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança. **Rev. UNINGÁ Review**, v. 34, n. 1, p. 40-48, jan./mar. 2019

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de: Maria da Pena Villalobos. São Paulo: ícone, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WELLS, G. **Dialogic Inquiry: Towards a Sociocultural Practice and Theory of education**. New York: Cambridge University Press, 1999.

YANG, M. et al. **Trauma infantil e sub-saúde psicológica entre adolescentes chineses: o efeito mediador do vício em Internet**. *Psiquiatria BMC*, v. 1, pág. 1- 10, 2022.

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Autor:

Autor:

Autor: